

Memorial descritivo

FÁBIO VIANA RIBEIRO*

É possível, como de resto acontece em tantos outros casos, que os anos iniciais de minha formação tenham sido os mais importantes. Inclusive em suas falhas e no papel que aí cumpriu o acaso. O período de graduação na UFMG, iniciado aos 22 anos e logo após a desistência do curso de Engenharia de Minas, permitiu que o amadurecimento intelectual adquirido com a idade e o contato com a literatura atenuassem os efeitos do entusiasmo ideológico e emocional, tão característico dos primeiros anos dos cursos de Ciências Sociais. Não apenas isso, é claro. Em 1988 o ambiente intelectual tanto em Belo Horizonte quanto na própria UFMG e seu Departamento de Sociologia e Antropologia eram muito favoráveis. Este último contava com um bom número de excelentes professores, no auge de suas carreiras. Alguns haviam recentemente concluído a pós-graduação fora do país, numa época em que essa não era ainda uma prática, como atualmente, comum e pouco significativa em termos de efetiva qualificação. Faziam parte do corpo docente os professores Pierre Sanchis, Antônio Luiz Paixão, Maria Lígia de Oliveira Barbosa,

Ana Lúcia Modesto, Renan Springer de Freitas, Ronaldo Noronha, Carlos Eduardo Baesse e Antônio Augusto Pereira Prates, entre outros. Nossa formação – minha e de meus colegas – se beneficiou muitíssimo dessa grande diversidade de talentos disponível. Na área de sociologia, além do pensamento clássico, nossa formação incluía teorias recentes (no Brasil) como etnometodologia, interacionismo simbólico e sociologia fenomenológica. Por sorte, também naquele momento, um conjunto talentoso de alunos encontravam-se matriculados no curso. Não tão brilhantes quanto nossos professores – que, por sua vez, foram também colegas de graduação -, mas o suficiente para nos estimularmos mutuamente nos estudos. De fato, da turma que se formaria em 1991, duas colegas terminariam por voltar à UFMG como professoras do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Departamento de Ciência Política; outra como professora da PUC-Minas, outra na UFPR, outro na UFV, outro seguindo carreira no Ministério da Casa Civil, etc. Nos anos que se seguiram ao início de minha carreira docente, foi de fato no



* FÁBIO VIANA RIBEIRO é Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor Associado na Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Ciências Sociais.

exemplo – tanto em termos de postura quanto de erudição e talento – de três desses professores que tentei me aproximar: Ana Lúcia Modesto, Maria Lígia Barbosa e Antônio Augusto Pereira Prates.

O longo período de mestrado – posto que coincidiu com minha entrada na UEM – serviu para efetivamente consolidar minha formação na área de sociologia. Muitos de nossos ótimos professores da Graduação faziam também parte do Mestrado em Sociologia da UFMG. Atipicamente escolhi como tema abordar o “mundo do futebol AM” sob a perspectiva da sociologia fenomenológica. Justamente por sua atipicidade, o trabalho – “O detalhe do lance: a representação do futebol através do radiojornalismo esportivo” - foi orientado pela professora Maria Céres Pimenta S. de Castro, que pertencia ao Departamento de Comunicação Social da UFMG. O período de cinco anos foi dividido exatamente entre os semestres de conclusão dos créditos de Mestrado, ainda em Belo Horizonte, e o início de minha carreira na Universidade Estadual de Maringá, em 1994.

Poucos anos depois iniciaria o doutorado na PUC-SP. Ao final da década o trabalho acadêmico já vinha adquirindo os traços de crescimento quantitativo como objetivo que hoje tão bem o caracterizam. Possivelmente sob essa influência, muitos programas de pós-graduação se tornaram, mais que tudo, centros de produção de resultados, tal a ênfase que passou a ser dada na especialização e quantificação dos trabalhos. Felizmente encontrei na PUC e na pessoa de minha orientadora, Sílvia Helena S. Borelli, a possibilidade de escolher livremente meu tema de pesquisa – consumo – e construir depois de alguns meses o que seria o objeto de pesquisa da tese: os universos de fãs e

coleccionadores. Em certo sentido, o resultado final foi também o de amadurecimento de interesses intelectuais que já vinham desde o período da graduação: consumo, sociabilidade, interação social e fenomenologia. Em 2005 seria defendida a tese “Entre os extremos do consumo: fãs, colecionadores e aficionados”.

Contudo, a forma mais consistente de aprendizado viria por meio da experiência como professor. E isso inclui todas as dificuldades e incongruências que se pode imaginar para um início de carreira. Muito daquilo que sempre avalei como correto, razoável e apropriado como aluno, tentei aplicar a partir do momento em que me vi como professor. Uma maior confiança e sinceridade nas relações de ensino e aprendizado, a crença de que todos no meio acadêmico, inclusive os alunos, têm como maior objetivo a aquisição de conhecimento. Um dos motivos dessa espécie de transferência dos ideais do antigo aluno para sua recém iniciada carreira de professor se deveu ao óbvio fato de que, mesmo que fossem a mesma pessoa, o antigo aluno e o inexperiente professor estavam institucionalmente separados. Inclusive do ponto de vista dos próprios alunos, cuja expectativa, institucionalmente moldada, era a de terem um professor que representasse a autoridade, a distância e uma apenas relativa confiança e sinceridade para a qual estavam preparados. Como qualquer instituição, o meio acadêmico existe e funciona em diversos níveis. Muito pouco, por exemplo, do ponto de vista oficial, onde a instituição se descreve ao mundo exterior com cores e formas que apenas esporadicamente poderão ser encontradas no dia a dia do campus. Igualmente pouco sob a perspectiva do idealismo de um neófito, para o qual a função de professor lhe permitiria corrigir tudo aquilo que,

enquanto aluno, considerava problemático na academia. A posição do jovem professor nesse momento é a de um inevitável isolamento e desorientação, uma vez que, do ponto de vista da universidade, a aprovação num concurso o qualifica para resolver todo e qualquer problema que inevitavelmente irá enfrentar. Nesses primeiros anos na universidade, nenhum apoio foi tão valioso quanto o recebido do colega Walter A. Praxedes; o qual se constituiu numa espécie de tradutor do ofício de professor, incluindo aí seu natural altruísmo e tranquila percepção das lógicas existentes no meio universitário.

Duas décadas depois algumas impressões iniciais se tornaram mais nítidas em relação ao ofício de professor. Como, por exemplo, perceber que a profissão de professor universitário vem a ser um trabalho como outro qualquer. Percepção que nada contém de óbvio caso seja considerado o caráter corporativo do meio acadêmico, sempre empenhado em demonstrar a natureza peculiar e quase sagrada daquilo que é feito dentro de seus limites e por seus membros. Nesse sentido, a grande desigualdade diz respeito não tanto, por exemplo, ao poder desigualmente distribuído entre professores, alunos e funcionários, mas ao quanto a própria instituição defende seu monopólio de produção do conhecimento, considerando inclusive o óbvio fato de que a universidade não é a única fonte produtora de conhecimento na sociedade. Tal fechamento corporativo e independência da sociedade e do Estado, que vem a ser um aspecto sombrio e pouco observado na eterna campanha por autonomia, termina também transferindo para dentro do campus uma quantidade enorme de disputas políticas que, caso fosse outro o modelo administrativo adotado, simplesmente inexisteriam. De fato, não é exigido de

nenhum professor, por meio dos concursos, que possua competências na área administrativa, menos ainda em áreas bastante técnicas. Como não existem, no modelo atual de universidade, alternativas para que chefias, pró-reitorias, e cargos diversos de caráter técnico sejam ocupados por funcionários de carreira, um dos resultados vem a ser a administração desses espaços por profissionais que nunca receberam treinamento ou formação ou mesmo possuem experiência para tanto. Fora, e principalmente, as disputas políticas que daí decorrem e todas as suas consequências. A ideia, que pode parecer bastante exótica no contexto da universidade brasileira, é comum em universidades de outros países – Austrália, por exemplo – onde chefias de departamento são exercidas por funcionários de carreira.

A comparação entre o que era o ambiente acadêmico ao final dos anos noventa e aquilo que veio a se tornar no início do novo século é bastante sombria. Mesmo que descontada, nessa percepção, o peso representado pela idade do observador. Um professor recém-chegado à universidade possui, naturalmente, expectativas muito otimistas em relação à instituição: está só agora começando a viver seu segundo terço de vida, foi para a instituição trabalhar que se preparou, possui ainda um grande número de contemporâneos – amigos e colegas – com os quais compartilhar suas impressões. De modo inverso, ao fim do percurso, terá percebido muitas das imperfeições no sistema universitário – conjunturais e estruturais -; terá de escolher entre manter suas convicções, pagando por isso o preço correspondente, ou resignar-se, dentro de variados níveis de interesse, à clássica lógica do “é assim que as coisas funcionam”; terá um número cada vez

menor de contemporâneos com os quais possa compartilhar outras visões de mundo que não a do presente. Seja como for, dentro de um espaço de vinte anos o meio acadêmico se desumanizou de forma que alguns desses traços poderiam ser facilmente demonstrados por qualquer pesquisa empírica. Nesse processo, o desaparecimento de espaços de convívio e sociabilidade na universidade e em seus entornos, o crescente individualismo forçado pela verticalização do ensino – o que poderia ser resumido pela reveladora frase de um colega: “tempo é lattes!” – , a percepção cada vez mais presente de que um professor universitário enxerga seus colegas cada vez menos como colegas ou muito menos como amigos, mas tão somente como oportunidades e interesses.¹

Entre outros motivos que poderiam ser apontados para esse quadro de desumanização, as políticas de expansão adotadas ao longo dos últimos anos, com a criação de cursos sem a necessária existência de condições e o grande afluxo de recursos vindos do poder público sob forma dos mais diversos programas. Na medida em que tais recursos não são usados para contratação de mais professores ou da necessária infraestrutura, os professores efetivos aumentam sua carga de trabalho em detrimento da qualidade de seu trabalho e de suas vidas pessoais. Estimulados, frequentemente, pelas vantagens financeiras que percebem nesse novo contexto. Na área de humanas, tal expansão e surgimento de novas oportunidades – mestrados profissionalizantes, PDE, PARFOR, educação a distância, etc. -, pelo quanto isso implicou em sobrecarga de trabalho e comumente em crescente

especialização, terminaram por provocar um quadro de alienação entre profissionais acostumados a analisar justamente a alienação do trabalho.

Por outro lado, o crescimento ao longo dos últimos vinte anos de novas tecnologias na área de informática facilitou muito o trabalho docente. Muito daquilo que, em termos de acesso a informações e produção de conhecimento, parecia ainda muito distante em 1994, tornou-se cotidiano em 2013. Conhecimento e ideias passaram a circular com enorme rapidez, o contato com os alunos e entre os professores foi substancialmente melhorado. Potencialmente, esses avanços facilitariam muito o aprendizado e a própria atividade do professor em sala de aula; tanto quanto, pela rapidez obtida na execução de antigas e complexas tarefas. Contudo isso só veio a acontecer em parte. Por conta de em alguma medida tais recursos dependerem do próprio interesse e disposição do professor em utilizá-los, em parte pela necessidade da própria universidade disponibilizar condições mínimas para tanto. No caso da UEM, ainda que oficialmente todas as salas contem com computadores e equipamentos de *data show*, é mais comum encontrar salas com esses equipamentos fora de funcionamento do que o contrário. O que seria, novamente, uma ilustração prática da já mencionada expansão acelerada.

Paradoxalmente, foi esse mesmo processo de crescimento não sustentável que atraiu para a universidade ótimos professores, funcionários e alunos. Certamente teve peso significativo nesse aspecto a cuidadosa publicidade institucional feita pela universidade (seu vestibular, mostra de profissões, relações

funcionários e alunos, cada vez mais discretas ou mesmo inexistentes, formam um desagradável indicador do atual estado das coisas.

¹ Aspecto igualmente revelador e que poderia ser objetivamente mensurado, as reações da instituição por ocasião da morte de professores,

com os municípios da região, etc.), muito bem-sucedida na medida em que consolida a crença da população na excelência de suas atividades, tanto quanto a dos dirigentes nas vantagens de associarem seus projetos políticos aos da própria universidade. Ainda assim, tanto a concorrência nos vestibulares quanto o número de inscritos nos concursos docentes aumentaram muito nos últimos anos, se comparados ao início dos anos 1990.

Uma contradição que remonta a um período anterior ao início do chamado “produtivismo acadêmico” vem a ser o fato de se esperar de um professor universitário capacidades e talentos que dificilmente poderiam ser encontrados num único profissional. Em outras palavras, que este seja um excelente professor, pesquisador e gestor. Imaginando-se ainda que, como professores universitários, estarão imunes a problemas que, mesmo que sejam ótimos objetos de pesquisa, não acometeriam os próprios pesquisadores: vida pessoal e familiar desestruturada, solidão, sedentarismo, etc.² Como solução, a saída mais comum termina sendo a de possuir uma ou duas dessas virtudes, escapando de pelo menos uma de suas consequências; ao mesmo tempo em que se faz passar por um profissional que as possui todas, sem pagar nenhum preço por isso. Há raros estudos sobre estes aspectos da vida acadêmica tornaram-se sintomaticamente mais frequentes nos últimos anos. Poderiam ser citados dois deles em particular: o livro “Dialética da felicidade”, de Pedro Demo, e *Trabalho intensificado nas federais – pós-graduação e*

² O sociólogo Pedro Demo fez do assunto, de fato, tema de pesquisa: não, como habitual, o estudo da solidão e da infelicidade das pessoas fora do meio acadêmico, mas sim dos próprios

produtivismo acadêmico”, de Valdemar Sguissardi e João Reis dos Santos Júnior.

Num contexto e ambiente em que os discursos oficiais repetem à exaustão seus compromissos com a diversidade e a inclusão, a imperiosa necessidade de que todos no meio acadêmico sigam a estrita lógica de se especializarem cada vez mais, orientarem o maior número possível de alunos, escreverem um número cada vez maior de artigos, etc., termina sendo uma grande contradição. Exemplos claros disso seriam a busca obsessiva dos programas de pós-graduação para se manterem dentro dos índices de produtividade estabelecidos pela CAPES ou ainda, internamente, a transformação da iniciação científica em uma espécie de linha de montagem, na qual todos os alunos, sem exceção (no caso da UEM, cerca de 700) são obrigados a apresentarem seus trabalhos nos EAIC’s estaduais. Sob esse ponto de vista, ficam excluídos todos os casos que não se encaixarem no modelo adotado: professores que preferem dar aulas na graduação, priorizarem a sala de aula em lugar das atividades de pesquisa, ou mesmo caso de áreas específicas com pouca tradição na produção de artigos científicos (cursos de Música e Educação Física, por exemplo), etc. Para todos os casos, e por assim dizer, um único modelo, um único objetivo e um único modo de alcançar esse objetivo.

Em meio a todas essas transformações, as atividades de ensino ainda são o aspecto mais gratificante da profissão. Talvez pela contínua renovação das turmas, que continuamente trazem para a sala de aula desafios que tornam obrigatória a confrontação do saber acadêmico com o mundo que se estende

professores universitários: *Dialética da felicidade*. DEMO, Pedro. Petrópolis: Vozes, 2001. Capítulo III: Felicidade na academia.

além dos limites da universidade. Ainda que, lamentavelmente, as próprias expectativas dos alunos em relação a universidade impliquem em grandes idealizações e posturas reverenciais; ainda assim, por força da idade e da grande diversidade de posturas, são as salas de aula e as experiências de convívio entre os próprios alunos as fontes de contínua renovação da vida acadêmica.

Não apenas por isso, que não deixa de ser uma contraposição aos constantes padrões acadêmicos de pesquisa e ensino nas pós-graduações, nos quais cada grupo busca, como sub-corporações, a consolidação de seus saberes e seus interesses sobre todos os demais. Mais (e não menos) que isso, a prática da sala de aula implica num inevitável envolvimento emocional das partes. Ainda que institucionalmente separado do universo dos alunos, um professor atento pode perfeitamente percebê-los em suas particularidades; as dificuldades e alegrias de suas vidas, seus pequenos dramas e suas expectativas. Possivelmente resida aí, na relação entre professores e alunos, a parte de maior humanidade da instituição, aquela que ainda não pode ser demarcada pela lógica compulsória de produção e resultados quantificáveis.

Nesse sentido, sempre percebi minha posição de professor como possuindo responsabilidades que se estendem além do ofício de transmissão de conhecimento. Não por acaso, grande parte do prestígio da profissão decorre justamente disso, dos alunos tenderem a ver seus professores como exemplos que poderiam seguir. Seria muito difícil avaliar em que medida todos os anos que passei em sala de aula significaram isso. Seja como for, e como aspecto igualmente gratificante da atividade específica de professor, pesa

favoravelmente nesse cálculo o fato de que os alunos avaliam seus professores com critérios muito mais abrangentes – em rigor e humanidade – que aqueles utilizados pela instituição para avaliar os que nela atuam. Inclusive pelo fato, aceito como evidente pelos próprios professores, que dentro do atual modelo e das atuais regras da universidade, nada obriga um professor a ser exatamente um professor; a efetivamente preparar e ministrar aulas, a ser assíduo, a avaliar com seriedade o aprendizado de seus alunos, etc. Se tantos ainda o fazem e se sentem responsáveis pelo exercício de sua profissão, tal se deve bem mais a valores e convicções pessoais que a quaisquer regras institucionais que a isso os obrigue.

Ao final dos anos 1990 foi criado o curso de Ciências Sociais. Aspecto sociológico do processo, tal criação se deu não exatamente ou apenas em função de uma demanda social por profissionais da área, mas, dentro da lógica da universidade, da necessidade do próprio Departamento de Ciências Sociais em ampliar seu espaço na instituição, considerando que a criação de um curso – até então o DCS era um dos raros departamentos da universidade a não possuir um curso de graduação – se constituía numa espécie de pré-requisito para contratação de mais professores, criação de um mestrado, ampliação de espaço físico, etc. Apesar de ter sido o único voto contrário a criação do curso, por considerar que não haviam condições suficientes para isso, participei do mesmo desde o início de seu funcionamento. Não obstante as dificuldades iniciais, o curso terminaria por se consolidar alguns anos mais tarde, formando em alguns anos ótimas turmas. Das seis disciplinas de sociologia - Sociologia I, Sociologia II, Sociologia III, Sociologia IV, Sociologia V e Sociologia VI – não ministrei apenas a segunda e a terceira, sendo que fiquei

encarregado de algumas das demais por vários semestres. Considerando a arraigada compreensão por parte de muitos alunos e mesmo de alguns colegas de que a principal função dos cursos de Ciências Sociais é a de aperfeiçoamento da militância política, para tanto exclusivamente acompanhada de teoria marxista, contribuí – tanto quanto os professores da área de antropologia - com a tarefa de ir além desses objetivos e conteúdos, ministrando cursos de teoria sociológica contemporânea, tanto quanto os clássicos da área. Os resultados dessas experiências foram muito bons, a ponto de ter permanecido vários anos na mesma disciplina e em seguida alterná-las com outros professores. O fato de boa parte dos alunos compreenderem o curso de Ciências Sociais como uma espécie de curso de aperfeiçoamento teórico de militância política, termina por exigir maior esforço e empenho por parte de professores que não compartilham dessa convicção – possivelmente a maioria dos professores atualmente envolvidos com o curso. Paradoxalmente é este um contexto muito estimulante de aulas, pelos quanto a demonstração de outras vertentes teóricas, outros problemas e soluções, permite ao professor e aos alunos irem além de conteúdos reiterativos.

Uma das características mais agradáveis da vida acadêmica, vem a ser a possibilidade de variação nas atividades desenvolvidas pelo professor. Após os anos 90, além das aulas no curso de Ciências Sociais, outras experiências foram igualmente recompensadoras. Por vários anos, e ainda atualmente, ministrei disciplinas optativas no curso de História e no curso de Filosofia. Quase independente do ano, os alunos dos cursos de graduação da UEM possuem perfis muito característicos; de modo que trabalhar em alguns desses

cursos pode ser uma experiência muito agradável. Apesar de ter ministrado disciplinas em outros cursos, como Direito, Administração, Engenharia de Produção, etc. – as aulas dadas para os cursos de História e Filosofia foram particularmente agradáveis e proveitosas. No caso deste último, meu interesse por literatura permitiu oferecer, com ótimos resultados, uma optativa de Sociologia baseada exclusivamente em textos de literatura. Ainda que nenhum concurso exija de um professor conhecimento ou mesmo interesse por literatura, música ou cinema, tais formas de expressão são muitíssimas significativas pelo quanto permitem interpretar o mundo. Não raro, as referências teóricas clássicas de uma área terminam por limitar um curso aos limites daquilo que por essas teorias poderia ser explicado, ou ainda pior, às formas habituais de uso dessas teorias. No caso da literatura (e de certa forma também a música e o cinema), a ausência de paradigmas fixos e vínculos institucionais permitem uma liberdade de pensamento – na medida em que as ideias se sobrepõem aos conceitos – e uma estética muito atraentes e ricas aos olhos dos alunos.

Nesse sentido, foram muitíssimas proveitosas as diversas ocasiões em que fui convidado para atuar como comentarista ou organizar mostras de filmes pelo Cinuem (coordenado pela professora Fátima Maria Neves e pelo professor Raymundo de Lima). Tais ocasiões sempre confirmaram minhas melhores suspeitas, do quanto é possível, por meio da arte, interpretar os mesmos objetos das ciências humanas. Além dos próprios filmes e dos ótimos debates que os acompanhavam, o sucesso do Cinuem sempre se deveu ao carisma e persistência de sua coordenadora, professora Fátima Neves, que soube consolidar na universidade um espaço de

apreciação estética e discussão teórica que não fosse restrito às salas de aula nem aos encontros específicos de cada área do conhecimento.

Ao mesmo tempo, além da literatura e do cinema, outras possibilidades surgiram com a maior abertura da rádio da universidade desde que seu novo diretor, Paulo Petrini, assumiu o cargo. A experiência anteriormente adquirida na rádio comunitária da Associação dos Docentes da UEM, em 1996, tanto quanto meu próprio mestrado, que teve no rádio um de seus objetos de pesquisa, permitiram propor os primeiros projetos à direção da emissora. O primeiro deles, sob forma de programa semanal com uma hora de duração – e que permanece no ar até hoje – começou em 2009, para apenas ao final de 2010 ser oficializado na grade da programação e também como projeto de extensão. É preciso novamente observar o apoio e a confiança recebida da direção da rádio. Em boa medida, foi graças a essa confiança e a essa liberdade de criação que o projeto “Supercromo” foi se desenvolvendo até assumir e se estabilizar na forma atual. Desde o início a ideia principal era a de fazer um programa sobre livros, sobre as ideias neles contidas – mas não propriamente crítica literária -, e ainda sob o ponto de vista daqueles que, simplesmente, gostam de livros. Como livros e objetos, por seus conteúdos, por tudo que ao mundo dos livros pudesse dizer respeito. Mesmo que nunca tenha sido feita nenhuma divulgação do programa, três anos depois foi possível perceber a existência de alguma audiência – “alguma” por conta de a rádio da UEM não dispor de quaisquer estatísticas sobre

a audiência de sua programação. Considerando que mesmo baixos índices de audiência representem um número significativo de ouvintes – frequentemente maior que o presente em muitas palestras e encontros presenciais na universidade –, tanto quanto o próprio caráter educativo da emissora, considerados esses aspectos o programa cumpre o modesto papel inicialmente indicado em seu projeto.

Em julho de 2011, após um longo período de funcionamento experimental, foi ao ar o programa *Off Side*, com participação de alunos do curso de História da UEM. Novamente a direção da rádio se prontificou a ceder duas horas semanais da programação da emissora para que o novo projeto fosse ao ar. O ótimo entrosamento e a capacidade dos alunos envolvidos, que rapidamente ligaram o próprio programa às redes sociais da internet, fizeram com que o *Off Side*³ se tornasse bastante conhecido, dentro da universidade principalmente, entre os aficionados por esportes. A ideia, nesse caso, era a de abordar temas e modalidades esportivas em geral não cobertas pelas emissoras locais, ou, no caso de esportes que já o fossem, que isso fosse feito sob outros pontos de vista. Entre outros motivos, a dispersão do grupo em função do afastamento dos alunos da universidade (eram quase todos formandos) fez com que a primeira fase do programa fosse encerrada. A reorganização do projeto só viria a acontecer em 2012, com alunos do curso de Comunicação e Multimídia. Por motivos óbvios, a expectativa era a de que os resultados fossem ainda melhores. Mas, após quase um ano de tentativas, e ainda sendo a coordenação dividida com

posição irregular. A ideia era justamente essa, a de um programa cuja abordagem e conteúdos estivessem fora dos lugares em que as emissoras comerciais normalmente os colocaria.

³ O próprio nome do programa, sugerido por um dos alunos, já resumia de forma bem-humorada a proposta do programa: o termo *Off Side* vem a ser, no futebol, o mesmo que impedimento, situação em que um jogador encontra-se em

a professora Juliana Oshima Franco, do curso de Comunicação e Multimeios, foi necessário reconhecer que para o prosseguimento do projeto seriam necessárias várias mudanças. A principal delas, infelizmente, a substituição de quase todos os alunos em função do pouquíssimo tempo que estavam dispostos a dedicar ao projeto. Ou ao próprio interesse do grupo em se dedicarem minimamente ao projeto. Desse modo, mantendo os mesmos professores na coordenação, oficializada a entrada de novos integrantes e alterando a proposta original, o programa entrou em sua terceira fase. Nesta, a ideia passou a ser a de um “programa sobre programas”, sobre conteúdos existentes em outras plataformas – revistas, sites, programas de rádio, livros, etc. – que fossem por algum motivo tão desconhecidos quanto interessantes e significativos. Os primeiros programas foram já gravados em 2013, com continuidade prevista para 2014.

Um terceiro projeto na rádio foi ainda desenvolvido com um grupo de quatro alunos do curso de Comunicação e Multimeios, aficionados de *heavy metal*. Do final do ano de 2011 até o final do ano de 2013 o programa foi ao ar pela UEM FM uma vez por semana, durante uma hora e sempre aos sábados. Apesar de extremamente assíduos e responsáveis, a dedicação do grupo sempre foi uma dedicação a “causa do *heavy metal*”; não obstante os esforços da coordenação no sentido de agregar ao programa conteúdos que se estendessem além desse único objetivo. Com a saída de dois dos quatro alunos que iniciaram o trabalho, as chances disso acontecer diminuíram ainda mais, a ponto de, ao final de 2013, não haver outra alternativa a não ser propor o encerramento do projeto e do próprio programa.

Em período anterior a 2011, recebi o convite para participar da comissão que iria elaborar o projeto de criação do curso de Comunicação e Multimeios. No primeiro semestre de 2011, com a entrada da primeira turma, recebi novamente o convite para assumir algumas disciplinas e participar de alguns projetos ligados ao curso. Apesar do projeto, dos ótimos alunos e professores envolvidos, as condições precárias do curso – ausência de salas, equipamentos e professores – comprometeram muito a qualidade de boa parte do que foi inicialmente planejado, com alto número de alunos desistindo e cancelando suas matrículas. Novamente, como causa principal dos problemas enfrentados, a política de “expansão não sustentável” adotada pela universidade, que autorizou a criação e funcionamento de um curso de graduação sem que existissem condições mínimas para isso: sem existir espaço físico, sem equipamentos ou laboratórios (imprescindíveis no caso de cursos na área de comunicação) e sem a contratação de um único professor efetivo específico para a área. Entrando agora em seu quarto ano, o curso de Comunicação e Multimeios, do qual participei como um dos elaboradores do projeto pedagógico, permanece sem espaço físico, sem laboratórios ou equipamentos minimamente apropriados, com quatro professores temporários ministrando cada um mais de quatro disciplinas com ementas completamente diferentes e outros tantos professores efetivos e vindos de outros departamentos atuando em sua própria área de formação. Paradoxal e tristemente, minha participação no curso de Comunicação e Multimeios, como professor e coordenador de diversos projetos, viria a ser meu melhor período de trabalho na universidade, tanto em termos de empatia com os alunos e

colegas quanto pelo fato de ter trabalhado nesse período com conteúdos e temas que em meu próprio departamento de origem ou em outros cursos não havia espaço para serem trabalhados. O termo “tristemente” diz respeito principalmente aos alunos do curso de Comunicação e Mídias, que muito cedo tiveram de arcar com a irresponsabilidade da instituição, por maiores que tenham sido seus esforços e a honestidade de suas intenções.

Por fim, e de certa forma relacionado com muitos dos projetos dos quais participei nos últimos anos, passei a me interessar cada vez mais pela fenomenologia. Que tem suas raízes na filosofia de Edmund Husserl, e em Alfred Schutz seu principal nome na sociologia. O projeto de Schutz, bem menos ambicioso que o de Husserl, foi o de, grosso modo, unir a fenomenologia à sociologia compreensiva weberiana. As fabulosas perspectivas teóricas que daí se originam terminariam por influenciar várias correntes contemporâneas, em particular a etnometodologia e o interacionismo simbólico. Durante muito tempo os textos de Alfred Schutz

ou a própria perspectiva da sociologia fenomenológica se constituíram numa espécie de conhecimento hermético, capaz de interessar pouquíssimos pesquisadores em pouquíssimas universidades, inclusive na própria área de sociologia. Apenas recentemente, e por meio de outras áreas – educação, enfermagem, comunicação, educação física – começou a ocorrer uma maior produção e intercâmbio de trabalhos que tinham em comum a referência à obra de Alfred Schutz⁴. Inclusive com a republicação de seu principal livro traduzido para o português, cuja última edição data de 1979.⁵ Assim, tanto na área de sociologia – no caso das disciplinas mais avançadas do curso -, quanto de comunicação, foi possível manter esse interesse teórico⁶. Passado esse momento de amadurecimento teórico, e também já distante dos últimos três anos, que foram de grande acúmulo de tarefas e compromissos, meus planos incluem finalmente a possibilidade de dedicar-me a escrever sobre os tantos temas e pesquisas que foram sendo percebidos ao longo dos últimos semestres.

⁴ O improvável percurso intelectual do próprio Schutz talvez tenha contribuído para o relativo desconhecimento de sua obra. Nascido na Áustria em 1899, Schutz só viria a ingressar na universidade como professor em seus últimos anos de vida. Antes disso, tanto em seu país de origem quanto nos Estados Unidos (para onde se transferiu no início da Segunda Guerra em função da perseguição aos judeus) sempre se ocupou como funcionário em tempo integral de

instituições bancárias. Afora esse trabalho, seu casamento e filhos, era também músico de formação, dedicando também a essa atividade parte de seu tempo.

⁵ SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2013.

⁶ Como resultado solitário dessas experiências: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/artic/e/view/573/430